

## Jefferson Dias

---

é autor dos livros de poemas *Último festim* (Multifoco, 2013) e *Silenciosa maneira* (Medita, 2015, mediante ProAC). Tem poemas, contos, traduções e resenhas publicados em periódicos e portais de literatura, tais como as revistas euOnça (editora Medita) e a portuguesa Caliban, os blogs Literatura & Fechadura, Germina, Ruído Manifesto, Ponto Virgulina, TriploV e Gazeta de Poesia Inédita. Ademais, trabalha na tradução do poema "Briggflatts", de Basil Bunting.

E-mail: [jeffdeoliveiradias@gmail.com](mailto:jeffdeoliveiradias@gmail.com)

---

## amanhã é a única mentira

a. (*Ofertório*)

Meus pulmões são fornalha  
Em que se amalgama o nome  
Vida –  
A única moral que respira  
É o tédio.

(Virgílio aos tupiniquins:

A riqueza vegetal  
O minério  
Uma hidrografia de sangue)

Eu estou de volta e não  
Deixei o Hades  
É o tempo das decapitações  
É o tempo das capitulações  
Todas as palavras deverão dizer  
Somente  
O indizível eu me lanço  
Ao fundo sempre me  
Afogo  
Demônio maniatado  
Eu arrebento a cabeça  
Contra o muladar  
É o tempo das casas amarelas no domingo  
É o tempo dos punhais irrestritos  
Em minhas mãos podres  
Ama-se o nome a única morada  
Que respira

b.

É tempo de ler os jornais e tiritar sob  
O edredom  
A madeira é retirada a terra  
É vendida  
É preciso associar  
O desenvolvimento econômico da região com  
A exploração da floresta  
88 milhões de hectares à sanha do mercado  
imobiliário –  
O primeiro branco aportado!

# opiniões

Toda a história da penetração violenta.

A esposa está avisada e também  
Será gentilmente aberta – esta é  
Nossa educação –  
Não há constituição  
Tão gentil e com cabelos muito pretos  
E nós não temos nenhuma vergonha:  
É tempo de empunhar os revólveres  
Todas as palavras deverão  
Embalsamar a razão  
É tempo de temer a morte  
E é tempo de suicidar-se  
Eu estou aqui  
O verdadeiro fantasma  
O urubu indeciso

c.

Nós estamos aí  
Nós é que somos os  
Verdadeiros fantasmas  
As relações  
Que se criam na vida  
Doméstica:  
O modelo obrigatório  
De qualquer composição social entre  
Nós  
Os jornais já sabiam  
Desde há muito  
E agora há uma lista  
Com outra lista em cima  
E mais outra  
E os nomes engolem os nomes  
Quase não

Há carne  
Há os jornais e os nomes  
Um festim um fuzuê e  
Não era fácil compreender  
A distinção fundamental  
Entre os domínios  
Do privado  
E do público  
Era uma listinha  
Tão bonitinha  
“Com os nomezinhos  
De quem eu não gosto”  
O presidente meu presidente  
Está indignado  
Pobre coitado  
“E a sua mulherzinha  
Tão gostosinha”  
Não há apuração de ilícitos

d. (*Wrath*)

Eu sou o deus do medo eu  
Danço no meio do século  
A morte me saúda os  
Leprosos se levantam estarei  
Capitulando? Eu sou o coração  
De flúor da ralé  
Eu almejo  
A carne o beijo a lágrima  
Não estarei capitulando?  
Agora eu me dirijo a você  
Ainda o mesmo bufão  
O mesmo miserável,  
Mas falo com uma boca radiante  
E podre e cheia

Faço cinco refeições por dia  
E incendeio as vergonhas  
Eu  
Tenho medo  
De virar suco eu  
Tenho medo de ser um pai de família assombrado  
E de ir ao supermercado eu não sei  
Quem me assassinará amanhã

## família

(Papaizinho,  
Dito este requerimento  
Que a despeito de doutoramentos  
Confesso maçantes a vírgula o ponto o acento.)

Meu  
Presidente,  
Eu  
Respeitosamente me  
Prostro ante a ti

Com esta ratazana a me roer a próstata  
Venho obsecrar-te o direito  
De não ter direitos nenhuns:  
As filas profundas me deixam tão duro  
Ontem mesmo assassinei um sujeito  
Que me passara à frente:  
Meu gozo é gasolina dita pura.

Meu presidente, quero ser teu parente.  
Quem me dera ser branco velho varonil

Ser um fidalgo tatibitate  
Que não morra só mate  
Minhas mães minhas filhas.

O melhor é atear fogo  
Às escolas aos hospitais  
Isto já são esmolos demais  
Que se lasque essa gente  
Eu sou diferente,  
Meu presidente –

Ai, que enfado  
Ai, o nosso sonho molhado  
De diesel!

Almejo ao progresso ao futuro  
O meu pai mulato escuro  
Retirante amaldiçoado  
Graças a deus morreu enjaulado  
Jamais fora julgado –  
Serve para isso a justiça.

Comi carniça não passei esfaimado  
Sou homem de família só enrabo veado  
Com camisinha  
Não roubo desavisado  
Nunca deixei de molhar uma mão.

Tudo o que tenho e o que não:  
A faca o beijo o caminhão (dividido em parcelas)  
Minha casa minha vida minhas panelas:  
Ofereço-te: quero ser teu capacho capado  
Quero ser teu vassalo teu escravo escorchado –

# opiniões

Ai, o nosso sonho encharcado de  
Querosene!

Nossa geografia queimadura  
Nossa bandeira mortalha sobre carvão  
Servir-te-ei até à sepultura  
A mim me basta a raça e a ração  
Se sou eu quem me ferra as ferraduras  
Se sou eu a récu a que recua com paixão  
Meu presidente, meu ginete, o futuro é um tiro  
Um presunto e um buraco no chão.

Lamber-te as  
Botas é o sumo troféu.  
Que intervenha a tropa: que nos estupre  
Que nos estropie, pois que este é o caminho do  
céu  
Que mostrem quem manda  
O melhor é atear fogo a este bordel –  
É a chamada racionalidade financeira.  
Não importa a rasteira se tenho tantas pernas  
Nem a velhice se o meu presidente tem vida  
eterna  
Quero engrossar a tranquibernia –  
E que me sobre para obturar um dente.

Não me misturo a essa gente  
Eu sou diferente, meu  
Presidente – não sou bandido  
Posto que esteja melhor vivo.  
Eu sou o teu filho  
Bastardo o do meio  
Se choro não mamo;  
Receio não guardo –

A história é um fardo  
Com o qual não arco.

Assim me despeço reverente e nunca desobrigado:  
Arremato com o rato me arranhando o cu  
Estou entre os 14 milhões de desempregados  
E o lucro recorde do Itaú.